



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
LICENCIATURA EM LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

Maria Karolina Regis da Silva

Estrutura Argumental e Neologismos

João Pessoa - PB
2019

Maria Karolina Regis da Silva

A Estrutura Argumental e Neologismos

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas como requisito para obtenção do título de licenciada em Letras Clássicas e Vernáculas.

Orientador: Prof. Dr. Magdiel Medeiros Aragão Neto

João Pessoa - PB
2019

Maria Karolina Regis da Silva

A Estrutura Argumental e Neologismos

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Departamento
de Letras Clássicas e
Vernáculas como requisito para
obtenção do título de licenciada
em Letras Clássicas e
Vernáculas.

Orientador: Prof. Dr. Magdiel
Medeiros Aragão Neto

Banca Examinadora

Prof. Dr. MAGDIEL MEDEIROS ARAGÃO NETO
Orientador – UFPB

Prof. Dr. JOSÉ WELLISTEN ABREU DE SOUZA
Examinador – UFPB

Prof^a. Dr^a. MARIA LEONOR MAIA DOS SANTOS
Examinador – UFPB

João Pessoa - PB
2019

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586e Silva, Maria Karolina Regis da.

Estrutura Argumental e Neologismos / Maria Karolina
Regis da Silva. - João Pessoa, 2019.

31 f. : il.

Orientação: Magdiel Aragão Neto.

Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA / CCL.

1. Verbo. 2. Neologismo. 3. Estrutura-argumental. 4.
Polissemia. I. Aragão Neto, Magdiel. II. Título.

UFPB/CCHLA

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus por ter me proporcionado chegar até aqui . Aos meus pais, por todo carinho e atenção, por sempre me apoiarem, mesmo quando meus desejos não eram compatíveis com os seus e por nunca me deixarem desistir. Ao meu irmão, pela parceria durante as longas tarde em que divagava nessa reta final. Ao meu namorado, por todos os verbos duramente coletados, pela paciência e por todo o apoio durante essa fase.

Ao meu orientador, meu muito obrigado, por todo o apoio e comprometimento, por todos os conselhos e orientações. A todos os professores que perpassaram pela minha vida, agradeço a todos pelo seu empenho em me tornar, não apenas uma profissional, mas alguém exemplar.

Por último meu agradecimento aos meus amigos, que sempre estiveram ao meu lado, me encorajando e incentivando, principalmente as minhas companheiras de curso, Pollyanna, Marcela e Marília, que sempre sorriam e choravam comigo.

A todos que fazem parte da minha vida, meu muito obrigado, se eu consegui foi graças à ajuda de todos vocês.

RESUMO

O surgimento de novos verbos ou da aquisição de novos sentidos em verbos pré-existentes é comum nas línguas naturais. Partindo dessa premissa trabalharemos com a estrutura argumental de dois tipos de neologismos: morfossemânticos, por meio verbos novos, e semânticos, por meio de verbos que já existiam em língua portuguesa e adquiriram um novo significado. Iniciaremos com os conceitos apresentadas por Lyons (2011) no que diz respeito ao significado, nos apoiaremos em Aragão Neto (2003) para apresentar alguns conceitos sobre polissemia e homonímia. No tocante à estrutura argumental dos verbos, utilizaremos, principalmente, as ideias propostas por Duarte e Brito (2003). Este trabalho apresenta como objetivo principal identificar a estrutura argumental apresentada em um *corpus* constituído de vinte verbos, sendo estes novos ou com novos significados. Através da análise, pretendemos realizar uma reflexão a respeito do comportamento argumental dos verbos diante das modificações semânticas. Com base na análise realizada apresentamos algumas conclusões a respeito do relação direta entre o contexto em que o verbo pode estar inserido e a estrutura argumental apresentada pelo mesmo, identificando as transformações que podem ocorrer em uma língua viva.

Palavras-chave: Verbo, neologismo, estrutura-argumental, polissemia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1: Fundamentação Teórica.....	9
CAPÍTULO 2: Análise da Estrutura Argumental dos Verbos	18
CONCLUSÃO.....	29
REFERÊNCIAS	31

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende discorrer a respeito da estrutura argumental de dois tipos de neologismos: morfossemânticos, por meio verbos novos, e semânticos, por meio de verbos que já existiam em língua portuguesa e adquiriram um novo significado.

Para fundamentar este estudo consideraremos as ideias a respeito de significado, apresentadas por Lyons (2011). Em seguida, apoiaremos-nos um pouco mais nas análises propostas por Aragão Neto (2003), no que diz respeito à diferenciação entre polissemia e homonímia. No tocante à estrutura argumental dos verbos, utilizaremos, principalmente, as ideias propostas por Duarte e Brito (2003).

É importante ressaltar que o trabalho aqui apresentado não possui por intuito focar a conceituação dos termos mencionados acima. Citamos conceitos formulados por alguns teóricos, visando o melhor entendimento, porém o nosso foco encontra-se na análise dos dados.

A análise será realizada em 20 (vinte) verbos de usos na língua portuguesa do Brasil, oriundos tanto de neologismos semânticos da língua portuguesa como morfossemânticos da língua inglesa. Tais verbos serão divididos em subclasses verbais, como aconselha Aragão Neto e Cambrussi (2014). Mediante a divisão partiremos para a análise dos verbos em classes, tendo por objetivo identificar os significados em uso e qual a estrutura argumental apresentada pelos casos estudados.

No que diz respeito aos verbos que apresentam novos significados, estabelecemos uma análise comparativa entre a estrutura argumental apresentada pelos significados antigos e novos, com o objetivo de identificar como a estrutura argumental se apresenta após as alterações de sentido e contexto linguístico.

Através dessa análise, pretendemos realizar uma reflexão, dentro dos parâmetros pré-estabelecidos pelo nosso *corpus*, a respeito do comportamento argumental dos verbos diante das modificações semânticas.

Ressaltamos que todos os exemplos apresentados ao longo do trabalho, assim como os verbos utilizados durante a análise, foram retirados de uma lista particular, sem relação com outros meios. Destacamos, também, que os contextos apresentados fazem parte de uma realidade vivada no ano de 2019, temos conhecimento que tais situações podem vir a ser modificadas em alguns anos.

CAPÍTULO 1: Fundamentação Teórica

Quando informalmente pensamos em ‘significado’ imediatamente recorreremos à definição pré-estabelecida pelo senso comum, facilmente encontrada em dicionários.

Significado: Definição atribuída a um termo, palavra, frase, texto; acepção. Aquilo que alguma coisa quer dizer; sentido. Relevância que se dá a algo; valor: sua participação teve muito significado. Importância representativa atribuída a um sinal ou símbolo.

[Linguística] Forma representativa e mental que se relaciona com a forma linguística; o que o signo quer significar; a parte do signo linguístico definida pelo conceito; significação. (DICIO, 2019)

Porém se pensarmos em ‘significado’ a partir de um ponto de vista semântico essa definição se torna um pouco mais elaborada, tendo em vista que está é uma discussão iniciada pelos filósofos, a mais de dois mil anos, que ainda reverbera entre os semanticistas.

Desta forma, podemos nos valer de algumas teorias semânticas para afirmar que os significados são conceitos que podem ser transferidos da mente do falante para a do ouvinte. Claro que esta é uma definição extremamente vaga, capaz de gerar mais perguntas do que saná-las.

Lyons (2011, p.104) questiona em vários pontos a definição tradicional de significado, formulando um novo questionamento “Qual o significado de ‘significado’”, assim estabelece-se um deslocamento do foco, separando palavras e coisas. O autor afirma que existem vantagens em possibilitar tais indagações: “[...] este deslocamento nos coloca face à possibilidade de que A palavra inglesa ‘*meaning*’[traduzida por *significado*] pode não ter a mesma gama de aplicação que outra palavra qualquer em outras línguas.” (LYONS, 2011, p.104)

Lyons (2011) ainda afirma que “Não temos razões para crer que uma palavra corriqueira como ‘significado’, não mais do que qualquer outra como ‘força’ ou ‘energia’, possa ser adotada para fins científicos sem refinamentos e redefinições” (2011, p.104). Ou seja, precisamos ter em mente os “refinamentos e redefinições” que foram

empregados para a palavra ‘significado’, cientificamente falando, para entendermos o que estamos estudando, e principalmente o que tentamos definir.

Como já mencionada não nos aprofundaremos nessa discussão por não ser o foco da nossa pesquisa, apenas gostaríamos de deixar claro a existência de tal discussão que vem perpassando os anos. Aqui nos atentaremos a determinados tipos de significados que serão aplicáveis na análise dos verbos.

Iniciaremos por estabelecer a definição entre significado lexical, significado de sentença e significado gramatical. Lyons afirma que:

O significado de uma sentença depende do significado de seus lexemas constituintes (inclusive de seus lexemas sintagmáticos, se houver: v. 5. 2); e o significado de alguns, se não de todos, dependerá do significado da sentença em que aparecem. Mas a estrutura gramatical das sentenças, como é intuitivamente óbvia e será logo abaixo demonstrado, também é relevante para a determinação de seu significado: portanto, devemos também recorrer ao significado gramatical como componente adicional do significado das sentenças (v. 5. 3). Na medida em que a linguística está basicamente interessada na descrição dos sistemas linguísticos (v. 2. 6), os significados de sentença, o gramatical e o lexical, estão claramente dentro do escopo da semântica linguística. (2011, p. 106)

A grosso modo, podemos dizer que apesar de o significado da sentença depender do significado lexical e gramatical, estes podem ser alterados de acordo com o significado apresentado na sentença em que estão envolvidos. Vejamos alguns exemplos:

- 1) Você ‘lacrou’ os envelopes?¹
- 2) Laura ‘lacrou’ no show ontem.

Podemos observar que o verbo ‘lacrar’ muda o seu significado diante do significado da sentença, como mencionado no parágrafo anterior. Em 1 o verbo apresenta

¹Utilizaremos aspas simples ‘ ’ para destacar os verbos analisados. Quando necessário outro destaque, utilizaremos os colchetes [].

o seu significado mais tradicional, já em 2 podemos identificar a modificação de significado.

Wittgenstein (apud LYONS, 2011, p.10) defende que “o significado de uma palavra ou de um enunciado pode frequentemente ser identificado pelo seu uso”. Considerando tal afirmação podemos observar que o verbo ‘lacrar’ apresenta, nos exemplos citados, dois significados distintos, dependendo da forma como for utilizado.

Diante de verbos como ‘lacrar’, que possui mais de um significado, podem surgir alguns questionamentos semânticos acerca do fenômeno linguístico denominado de ambiguidade. A partir de agora nos aprofundaremos um pouco no que pode acontecer com os verbos mediante o surgimento desses novos significados e o que essas variações podem vir a ocasionar nas construções textuais.

Para iniciarmos podemos definir a ambiguidade como o fenômeno linguístico entendido como a multiplicidade de sentido. É importante ressaltarmos que existem níveis diferentes de ambiguidades, podendo ser: lexical, estrutural ou contextual. Aqui trataremos apenas da ambiguidade lexical, ou seja, trabalharemos com sentenças que possuam pelo menos um item lexical com mais de um sentido. Tendo como base o foco do trabalho, abordaremos mais especificamente os verbos com essa multiplicidade de sentido.

A ambiguidade pode ser pensada como um quadro de processos linguísticos nos quais podem ocorrer variação de sentido. Dentro desse quadro trabalharemos com dois processos: polissemia, homonímia.

Weinreich (1964) vai definir polissemia e homonímia da seguinte forma:

- 1) ambigüidade contrastiva: quando dois sentidos distintos e sem relação entre si são representados por um mesmo item lexical (homonímia); e 2) ambiguidade complementar: quando um item lexical apresenta sentidos que são manifestações do significado básico de uma palavra (polissemia). (WEINREICH, 1964, Apud. ARAGÃO NETO, 2003, p.8)

Tendo como base a definição apresentada acima, podemos compreender por homonímia palavras como ‘banco’, que apresenta dois sentidos iniciais, o do objeto banco, local para sentar, e o da instituição financeira banco, definições estas sem relações

semânticas entre si, porém representadas pela mesma forma. Com relação à polissemia podemos pensar em palavras como ‘bebida’, que além de apresentar dois sentidos (ato de beber e algo a ser bebido), também encontra-se presente em duas classes de palavras, como apresenta Aragão Neto (2003).

Pustejovsky (1995) define a ambiguidade complementar, que não tenha mudança na categoria lexical e cujos múltiplos sentidos da palavra têm significados justapostos, dependentes ou compartilhados, como polissemia lógica. Por esta razão, polissemia complementar é um termo um pouco mais amplo que polissemia lógica, visto que aquela também descreve como os sentidos de categorias diferentes são relacionados, este é o caso da palavra *bebida* que pertence tanto à classe verbal quanto à nominal. (2003, p.8-9)

Apesar das portas distintas que se abrem aos sentidos aplicados à palavra ‘bebida’, conseguimos estabelecer uma relação semântica entre esses sentidos, estabelecendo a característica chave para a classificação da palavra como polissêmica.

Mediante todos os conceitos já apresentados nesse trabalho, podemos começar a pensar na estrutura argumental de verbos que podem alterar seu significado, mas para isso, precisamos compreender um pouco sobre predicação, conceito este que está além da tradicional relação entre sujeito e predicado, mas trata da relação entre um núcleo lexical e seus argumentos.

Duarte e Brito (2003) vão apresentar a seguinte definição de predicado:

A palavra **predicado** é, como estamos a ver, ambígua. Pode ser utilizada para referir o **predicado sintático**, i. e., algo que só existe em função de um sujeito, ou, usando a noção fregeana de “saturação”, a expressão que é saturada pelo sujeito. Assim, em frases do tipo *O menino atirou a bola, O menino saiu de casa, O menino é lindo*, o predicado é a função sintática desempenhada pela combinação de palavras sublinhada (⁵).

Mas o termo ‘predicado’ pode também ser utilizado para referir a noção semântica de **predicado, predicador ou palavra predicativa**, recobrando neste caso toda e qualquer palavra que tenha argumentos, lugares vazios ou valência própria. (2003, p.183).

Neste trabalho nos valeremos da definição apresentada com relação à noção semântica, ou seja, trabalharemos diretamente com a relação entre predicado e argumentos.

Como podemos ver, Duarte e Brito (2003) estabelecem uma relação direta entre palavra predicativa e argumento, uma vez que uma palavra para ser considerada predicativa precisa apresentar argumentos.

Considera-se que os verbos são, nas línguas naturais, palavras predicativas por excelência, porém outras palavras também podem ser consideradas predicativas, com tanto que possamos associar ao seu significado argumentos próprios.

Duarte e Brito (2003) apresentam a seguinte noção de argumento:

Uma vez que a noção de “argumento de” exprime a relação que estabelecem entidades denotadas por expressões linguísticas com palavras predicativas, a estrutura argumental de uma palavra predicativa, i.e., a indicação do número e da natureza dos seus argumentos, constitui a especificação mínima dessa palavra. (2003, p. 183)

Porém para compreender a estrutura argumental faz-se necessário estabelecer uma diferenciação entre argumentos e adjuntos. Duarte e Brito (2003) vão definir adjuntos como “Unidades que fazem parte da interpretação situacional, mas não dependem de nenhum item lexical presente na frase, como acontece com expressões de tempo e muitas expressões de localização espacial (2003, p. 184).” Vejamos o exemplo abaixo.

3) Os dançarinos	partiram para a competição desembarcaram no Brasil encontraram-se com seus pais ensaiaram	ontem à noite.
------------------	--	----------------

Como podemos perceber no exemplo 3, as alterações lexicais não causaram nenhuma modificação no adjunto (ontem) presente, diferente dos argumentos que estão diretamente ligados à estrutura lexical presente na frase.

Desta forma, podemos afirmar que os adjuntos diferenciam-se dos argumentos justamente na dependência dos itens lexicais, uma vez que de forma isolada os argumentos são capazes de apreender a caracterização semântica da palavra, enquanto os adjuntos não estabelecem essa relação de dependência lexical.

Tendo realizado essa diferenciação, precisamos compreender que existem alguns tipos de argumentos: os verdadeiros, os por defeito/*default* e os sombreados.

Duarte e Brito (2003) definem os tipos de argumentos da seguinte forma:

Os verdadeiros argumentos são aqueles que têm de estar sintacticamente realizados; [...] Contrariamente aos verdadeiros, os argumentos por defeito e os argumentos sombra não são de realização sintática obrigatória. Os primeiros designam argumentos que participam na descrição do significado da palavra predicativa [...], enquanto os últimos estão semanticamente incorporados na palavra predicativa, mas podem aparecer automatizados [...] (2003, p.184).

Podemos, então, caracterizar os argumentos verdadeiros como aqueles necessitam estar sintaticamente realizados, ou seja, possuem a necessidade de serem expressos sintaticamente:

4) [Laura] ‘mora’ [em Moscou].

Os argumentos por defeito/*default* são caracterizados por estarem direta ou indiretamente relacionados ao significado da palavra predicativa;

5) [O arquiteto] ‘construiu’ [as paredes da casa com tijolos de cerâmica].

Já os argumentos sombreados são caracterizados por estarem semanticamente incorporados na palavra predicativa, estes só devem ser usados através de operações de subtipo ou especificação de discurso.;

6) [Os homens] ‘dançam’ [uma dança ousada].

Uma vez identificados os tipos de argumentos, focaremos na descrição da estrutura argumental verbal, tendo como primeiro ponto a indicação do número de

argumentos que o verbo exige. Os verbos podem apresentar entre 0 (zero) e 3 (três) argumentos, vejamos alguns exemplos:

- 7) a) Hoje ‘amanheceu’ mais cedo.
- b) [Ela] ‘gritou’ por causa do sonho.
- c) [O Flamengo] ‘venceu’ [o Vasco em 2019].
- d) [João] ‘emprestou’ [os jogos] [ao Gabriel].

Em a) podemos perceber que o verbo ‘amanhecer’ não exige em sua estrutura argumental nenhum argumento. O mesmo não acontece com o verbo ‘gritar’, que exige um argumento (Quem gritou?). O verbo ‘vencer’ apresenta em sua estrutura dois argumentos (Quem venceu? Venceu o que?). Já o verbo ‘emprestar’ necessita de três argumentos em sua estrutura (Quem emprestou? O que emprestou? A quem emprestou?). Duarte e Brito (2003) classificam esses verbos em 3 classes: Unários (1 argumento); Binários (2 argumentos); Ternários (3 argumentos).

Quando a estrutura argumental do verbo não é respeitada, normalmente, temos sentenças que apresentam incoerências semânticas, uma vez que um fator importante para que a sentença seja bem formada é respeitar a estrutura argumental do seu predicado verbal, quando isso não acontece, a sentença é mal formada sintaticamente e semânticamente.

O segundo ponto para elaborar uma análise da estrutura argumental está na seleção categorial, ou seja, a realização categorial que o verbo especifica para seus argumentos, vejamos o exemplo abaixo:

- 8) a) [Maria]_{SN} ‘acredita’ [em fadas.]_{SP}
- b) # [Maria]_{SN} ‘acredita’ [fadas.]_{SN}

Assim como as frases que não respeitam o número de argumentos exigidos pelo verbo tornam-se incoerentes, aquelas que não respeitam a seleção categorial também são consideradas incoerentes. Isso ocorre mesmo quando o número de argumentos está correto.

O terceiro ponto a ser considerado diz respeito ao papel temático, ou papel semântico, de cada argumento, selecionado pelo verbo, apresenta.

O terceiro aspecto a considerar ao caracterizar a estrutura argumental de uma palavra predicativa é o **papel temático** ou **papel semântico** que cada argumento selecionado pelo verbo tem, i.e., o tipo de relação semântica que associa cada argumento à palavra predicativa que o seleciona⁽¹⁶⁾. As propriedades de **seleção semântica** de um predicador são enumeração dos papéis temáticos que ela atribui aos seus argumentos.[...] quando as propriedades de seleção semântica do verbo não são respeitadas, a frase é agramatical, mesmo se o número de argumentos e a especificação categorial de cada um deles forem exigidos por tal verbo [...] (DUARTE; BRITO, 2003, p.187).

Para exemplificar a teoria apresentada vejamos o exemplo abaixo:

9) a) [O homem]_{SN} ‘assassinou’ [três mulheres.]_{SN}

b) #[A chuva]_{SN} ‘assassinou’ [três mulheres.]_{SN}

Em b) podemos perceber uma incoerência, visto que o verbo ‘assassinar’ exige um sujeito que seja um sintagma nominal e tem papel temático de Agente (como em a), ou seja, uma entidade que causa, intencionalmente, a ação descrita. O sujeito *A chuva* não causaria, de forma intencional, o assassinato de três mulheres, enquanto o sujeito *O homem* se encaixa perfeitamente.

A lista de papéis temáticos pode variar entre os autores. Aqui trabalharemos com a lista mínima apresentada por Duarte e Brito (2003): Agente, Fonte, Experienciador, Locativo, Alvo e Tema.

Perini (2010, p.147), em *A Gramática do Português Brasileiro*, define alguns dos papéis temáticos supracitados, para ele o Agente, “é o elemento que pratica a ação”, ou seja, “a entidade controladora, tipicamente humana, de uma dada situação”, como também definem Duarte e Brito (2003, p. 188).

10) a) [Rodrigou] ‘comeu’ o bolo.

Como Fonte, o autor afirma que se trata da entidade que está na origem da situação, porém sem controlá-la:

b) [O vento] ‘quebrou’ a porta.

Perini define Experienciador como o elemento que experimenta um fenômeno interno:

c) [Rodrigo] ‘ama’ Karol.

O Locativo, diz o gramático, é o papel temático que exprime a localização espacial de uma entidade, em alguns textos esse papel temático pode ser chamado como Lugar:

d) Elisabete ‘mora’ [em João Pessoa].

O linguista entende por Alvo a entidade para qual algo foi transferido, podendo ser no sentido locativo ou não:

e) A vendedora ‘vendeu’ o fone ao [meu namorado].

Já por Tema Perini define “o elemento que se movimenta voluntariamente ou não” (PERINI, 2010, p.150):

f) [Julia] ‘foi’ para Inglaterra.

Duarte e Brito (2003, p. 190), afirmam que cabe ao tema ser a “entidade criada pela atividade expressa pelo verbo”.

Tendo como base todos os conceitos supracitados, realizaremos no próximo capítulo a análise da estrutura argumental dos verbos presentes em nosso *corpus*. Trabalharemos em cima dos principais pontos da estrutura argumental, como já mencionado: a indicação do número de argumentos exigidos pelo verbo; a sua seleção categorial; e o papel temático que cada verbo seleciona para seus argumentos.

CAPÍTULO 2: Análise da Estrutura Argumental dos Verbos

Com passar dos anos, podemos identificar a criação de novas palavras e atribuição de novos significados a palavras pré-existentes, para atender a necessidades interacionais da sociedade. Tais processos atuam de forma bastante comum nos verbos e nas classes abertas em geral.

Com foco nos verbos, realizamos uma pesquisa voltada para a análise da estrutura argumental desses novos verbos, assim como daqueles que receberam novos sentidos.

Para elaborar nossa pesquisa realizamos um levantamento de 20 (vinte) verbos. Destes alguns são novos e outros são já existentes que adquiriram novos significados. Para a análise, utilizaremos o mesmo método utilizado por Aragão Neto e Cambrussi (2014), ou seja, dividiremos os verbos em subclasses, nas quais poderemos analisá-los em conjunto.

Inicialmente, separamos os verbos em duas classes, os verbos próprios da língua portuguesa e os verbos provenientes da língua inglesa. Após essa separação inicial, elaboramos duas subclasses, verbos novos e verbos com sentidos novos, como podemos observar abaixo.

1. Verbos próprios da Língua Portuguesa

1.1 Verbos novos:

- Divar (Base: ‘Diva’. Sentido: Estar absolutamente linda, “arrasando”)²
Ex.: Cheguei divando, cadê os aplausos?
- Jacar (Base: ‘Jaca’. Sentido: Extrapolar, “enfiar o pé na jaca”, sair da dieta)
Ex.: Confesso, dei umas jacadas esse mês.

1.2 Verbos com sentidos novos:

- Causar (Base: ‘Causar’. Sentido de base: Fazer algo acontecer. Novo sentido: Chamar atenção, gerar uma polêmica)

² Os significados atribuídos aos verbos não foram retirados de um dicionário específico, mas construídos a partir dos contextos em que estes podem ser inseridos.

Ex.: Lady Gaga causou com short minúsculo e parte dos seios à mostra.

- Lacrar (Base: 'Lacrar'. Sentido de base: Selar ou fechar algo. Novo sentido: Fazer algo muito bem feito, arrasar)

Ex.: Lady Gaga lançou um novo álbum, está incrível! Ela lacrou!

- Fechar (Base: 'Fechar'. Sentido de base: Interromper uma abertura. Novo sentido: Chamar atenção, brilhar; Combinar algo com alguém)

Ex.: Julia fechou com aquele vestido todo trabalhado no paetê.

- Sambar (Base: 'Sambar'. Sentido de base: Dançar ao ritmo musical samba. Novo sentido: Acabar com os argumentos de alguém, desmoralizar)

Ex.: Ela sambou na cara da Andréia.

- Deitar (Base: 'Deitar'. Sentido de base: Deixar-se cair, ficar na posição horizontal. Novo sentido: Ser difícil, não dobra-se a outras opiniões)

Ex.: O Marcos é uma pessoa difícil, ele não deitou nem para o chefe.

- Passar (Base: 'Passar'. Sentido de base: Desamassar algo; Percorrer um caminho. Novo sentido: Exagerar em algo; Estar em choque)

Ex.: Amiga, às vezes você se passa.

- Tombar (Base: 'Tombar'. Sentido de base: Curvar; dobrar; inclinar, cair. Novo Sentido: Se jogar; arrasar)

Ex.: Já que é pra tombar, tombei!

- Formar (Base: 'Formar'. Sentido de base: Dar ou tomar forma; ser concebido. Novo sentido: Combinar algo)

Ex.: Então formou, sábado nos encontramos na praia.

- Melhorar (Base: 'Melhorar'. Sentido de base: Tornar algo melhor, aperfeiçoar. Novo sentido: Mudar para um estado ou situação melhor)

Ex.: Amiga sério, melhore, esse cara não vale nada.

2. Verbos provenientes da Língua Inglesa

2.1 Verbos novos:

- Googlar (Base: ‘*Google*’. Sentido: Pesquisar no Google)
Ex.: Ontem eu googlei o significado dessa palavra.
- Atachar (Base: ‘*Attach*’. Sentido: Anexar um arquivo ao e-mail)
Ex.: Segue atachado o arquivo solicitado.
- Bookar (Base: ‘*Book(ing)*’. Sentido: Fazer uma reserva em um hotel)
Ex.: Eu bookei um hotel incrível para as minhas férias.
- Dropar (Base: ‘*Drop*’. Sentido: Surgir, aparecer (Para os surfistas e skatistas, dropar tem o significado descer em uma onda ou uma rampa)
Ex.: Eu estava distraído, do nada ele dropou na minha frente.
- Kickar (Base: ‘*Kick*’. Sentido: Ser expulso do jogo)
Ex.: O que aconteceu com o Paulo? Ele foi kickado do jogo.
- Quitar (Base: ‘*Quit*’. Sentido: Sair do jogo)
Ex.: Galera, já está tarde, vou quitar.
- Streamar (Base: ‘*Stream*’. Sentido: “Rodar” os aplicativos; carregamento de dados)
Ex.: Preciso trocar meu PC, o meu não está streamando direito os jogos.
- Bugar (Base: ‘*Bug*’. Sentido: Parar de funcionar)
Ex.: Eu buguei assim que ele começou a falar.
- Farmar (Base: ‘*Farm*’. Sentido: Destruir; arrasar em algo; subir de nível)

Ex.: Hoje não teve para ninguém, farmei geral, matei todos os monstros que apareceram.

Como podemos observar, alguns verbos apresentados acima não podem ser considerados novos, mas diante de contextos novos eles adquiriram algum novo sentido, como no caso do verbo ‘lacrar’. Esse verbo continua sendo usado no seu sentido de base, ou seja, o de selar ou fechar algo, ainda assim atualmente é muito usado em determinados contextos sociais como uma espécie de elogio para alguém que fez algo muito bem feito, com o sentido de “arrasar”.

Não se pode negar que a sociedade sofreu transformações, e a língua por não ser algo morto, mas pulsante e vivo, passou também por processos de transformação, atendendo às necessidades de seus falantes. O surgimento dos novos sentidos aplicados aos verbos é algo tão verídico que ultrapassou a barreira do convívio social e da própria internet, sendo aplicado, inclusive, em dicionários conceituados como o Aurélio.

Como vimos no capítulo anterior, os verbos são palavras predicativas e por isso comumente possuem argumentos e estrutura argumental. Anteriormente também falamos a respeito dos principais pontos para realizar uma análise da estrutura argumental, que são: a indicação do número de argumentos exigidos pelo verbo; a sua seleção categorial; e o papel temático que cada verbo seleciona para seus argumentos.

Para facilitar a realização desta análise, estabeleceremos mais algumas subdivisões com base nas classes verbais, uma vez que “[...] estão em uma classe verbos que compartilham pelo menos um aspecto de comportamento gramatical [...]” (ARAGÃO NETO; CAMBRUSSI, 2014, p. 43).

A utilização da análise em classe ajuda na identificação de processos linguísticos, uma vez que passamos a tratar esses verbos de modo fenomenológico e não isoladamente, como afirmam Aragão Neto e Cambrussi (2014):

[...] o comportamento sintático semelhante, por exemplo, pode indicar que a “atuação” ou a “performace” gramatical de um verbo não é propriedade dele, mas de uma classe.

Do mesmo modo, aspectos de significado compartilhados podem sugerir que alguns verbos comportam-se como uma classe verbal, e por isso mesmo, são mais bem investigados quando os processos

linguísticos de que participam são tratados de modo fenomenológicos e não isoladamente. (2014, p. 44)

Iniciaremos unindo os verbos, aqui trabalhados, com base nos tipos de argumentos, número de argumentos, seleção categorial e papel temático:

Quadro 1 – Análise em grupo

Verbos	Tipos de Argumentos		Número de argumentos		Seleção Categorial		Papel Temático
	Verdadeiros	Por defeito/default	Unários	Binários	Sintagma Nominal	Sintagma Preposicional	Agente / Tema
Divar	X		X		X		X
Jacar	X		X		X		X
Causar	X		X		X		X
Lacrar	X		X		X		X
Deitar	X		X		X		X
Passar	X		X		X		X
Tombar	X		X		X		X
Melhorar	X		X		X		X
Atachar	X		X		X		X
Dropar	X		X		X		X
Kickar	X		X		X		X
Quitar	X		X		X		X
Streamar	X		X		X		X
Bugar	X		X		X		X
Farmar	X		X		X		X
Sambar	X		X		X		X
Formar	X			X	X		X/X
Googlar	X	X		X	X		X/X
Bookar	X	X		X		X	X/X
Fechar	X		X		X		X

Fonte: SILVA, 2019

Mediante a análise do quadro acima, no que diz respeito aos tipos de argumentos, podemos identificar que apenas dois verbos (‘googlar’ e ‘bookar’) possuem argumentos verdadeiros e por defeito/default. Acreditamos que isso ocorre devido ao contexto em que esses dois verbos tendem a aparecer, possibilitando relacionar diretamente alguns de seus argumentos com o significado do próprio verbo.

Podemos identificar alguns pontos cruciais com relação a número de argumentos desses verbos, o primeiro ponto a ser destacado é com relação ao verbo ‘fechar’, em sua estrutura original ele apresentava uma estrutura formada por dois argumentos (Quem

fecha, O que foi fechado), porém ao analisarmos, mediante os novos sentidos apresentados, essa estrutura pode variar, conforme exemplificado abaixo:

- 1) Maria ‘fechou’ na festa ontem.
- 2) Eu ‘fechei’ com o Bruno amanhã, vamos ao shopping.
- 3) Tá ‘fechado’, amanhã vamos ao shopping.

Em 1 apresentamos o verbo ‘fechar’ com o significado um pouco parecido com o verbo ‘arrasar’ ou ‘lacrar’, ou seja, alguém que chamou atenção, brilhou. Dentro dessa perspectiva o verbo só exige um argumento “Quem fechou”, o “O que foi fechado” torna-se desnecessário, uma vez que ele não existe, percebe-se que o fato de o segundo argumento não estar presente não torna a sentença incoerente, uma vez que o novo sentido do verbo (alguém que chamou atenção, brilhou) elimina o argumento.

Já em 2 e 3 o verbo se apresenta com o sentido mais próximo do verbo ‘formar’ ou ‘combinar’, porém com estruturas argumentais diferentes. Em 2 encontramos a necessidade de três argumentos: Quem fechou? (Eu); Com quem foi fechado? (com o Bruno); O que foi fechado? (amanhã, vamos ao shopping). Apesar de apresentar o mesmo significado, em 3 o verbo volta a exigir apenas um argumento: O que tá fechado? (amanhã vamos ao shopping).

Percebe-se que a questão central não é o verbo em si, mas o contexto em que esse verbo está inserido, contexto esse capaz de modificar não apenas o sentido do verbo, como afirmou Lyons (2011, p.106), “[...] o significado de alguns, senão de todos, dependerá do significado da sentença em que aparecem.”. Afirmção está reafirmada por Duarte e Brito (2003, p. 181): “A comunicação e a interação verbais processam-se pela produção e pela compreensão de enunciados, “porções” de discurso emitidas pelos sujeitos falantes em determinados contextos discursivos e situacionais.”.

Com relação à classificação realizada nos demais verbos podemos verificar que muitos sofreram alterações, iguais ou semelhantes ao verbo ‘fechar’. Podemos identificar mudanças no número de argumento dos seguintes verbos: ‘causar’; ‘lacrar’; ‘passar’; ‘tombar’.

Em todos esses verbos ocorreram alterações estruturais, estes exigiam, em seu sentido original, dois argumentos, porém quando relocados para contextos contemporâneos, passam a exigir apenas um argumento em sua estrutura.

Percebe-se que o processo que ocorre nestes verbos é um pouco mais “simples” que o ocorrido no verbo ‘fechar’, uma vez que não ocorre tanta variação na estrutura, como mostra o exemplo abaixo:

- 4) A tempestade ‘causou’ vários danos as casas.
- 5) Laura ‘causou’ na festa ontem.

Em 4 encontramos o sentido original do verbo ‘causar’, ou seja, ser a causa de, originar algo, motivo de. Com estes sentidos o verbo apresenta uma estrutura que exige dois argumentos: Quem causou? (A tempestade); O que foi causado? (vários danos as casas). Já em 5 o verbo apresenta-se com uma nova roupagem, tendo um significado próximo a algo ou alguém que chamou atenção, e com essa alteração conseguimos perceber a modificação estrutural do verbo, uma vez que este passa a necessitar de apenas um argumento em sua estrutura: Quem causou? (Laura).

A respeito dos demais verbos listados (‘divar’; ‘jacar’; ‘googlar’; ‘atachar’; ‘bookar’; ‘dropar’; ‘kickar’; ‘quitar’; ‘streamar’; ‘bugar’; ‘farmar’), não é possível estabelecer uma relação estrutural, por serem verbos novos não possuímos estrutura argumentais distintas para contrastá-las, porém ficou claro a predisposição desses novos verbos em serem predicados unários, exigirem apenas um argumento.

É importante esclarecer que não estamos afirmando que existe uma tendência dos novos verbos serem unários, apenas observamos, dentro do corpus delimitado neste trabalho, uma maior incidência para estruturas argumentais formadas por apenas um argumento. No entanto os verbos ‘googlar’, ‘bookar’ e ‘formar’ apresentam uma estrutura argumental formada por dois argumentos, como demonstrado no quadro de análise.

O segundo ponto a ser verificado, trata-se da seleção categorial, ou seja, a especificação categorial que os argumentos de cada verbo exigem. Assim como identificamos os verbos que sofreram modificação quanto à sua estrutura de argumentos, verificaremos se esse fenômeno também ocorreu na seleção categorial especificada por cada verbo.

Quando analisamos os verbos selecionados nesse trabalho, podemos verificar uma predileção pelos sintagmas nominais, com exceção do verbo ‘bookar’, que apresenta em sua estrutura dois argumentos, necessitando da realização de duas categorias, sintagma nominal e sintagma preposicional.

Identificamos também que, diferentemente do quantitativo de argumentos, os verbos que adquiriram sentidos novos não sofreram alterações categoriais, mantendo categorias pré-existentes.

Vejamos alguns exemplos:

- 6) a) Ontem [eu]_{SN} ‘divei’.
- b) [Eu]_{SN} ‘bookei’ [um hotel incrível]_{SP} para as minhas férias.
- c) [Amiga]_{SN}, sério, ‘melhore’, esse cara não vale nada.

É possível associar essa predileção dos novos verbos, aqui expostos, a uma seleção categorial com sintagmas nominais na formação de contextos nas quais esses verbos se encaixam, uma vez que estão relacionados a contextos sociais específicos, que se relacionam com essas estruturas nominais.

Faz-se necessário destacar a estrutura apresentada pelo verbo ‘bookar’, que apresenta dois argumentos, com categorias gramaticais diferentes, como apresentado em b).

A grande maioria desses verbos exige como sujeito expressões nominais com o papel temático de Agente, ou seja, uma expressão que remeta a uma entidade capaz de realizar de forma intencional e consciente a cena descrita pela frase. Vejamos o exemplo abaixo:

- 7) a) [Laura] ‘causou’ na festa ontem.
- b) [A tempestade] ‘causou’ na festa ontem.

Ao analisarmos as duas frases acima o contraste de gramaticalidade é gritante, visto que o verbo ‘causar’, dentro do contexto de “chamar atenção”, não abre espaço para um sujeito que não seja capaz de realizar de forma intencional e consciente uma ação, como acontece em b com o substantivo “tempestade”.

Novamente, voltamos a um ponto já destacado nesse trabalho, o da relação direta entre a estrutura argumental dos verbos e o contexto em que estes estão inseridos, sendo esse contexto capaz de alterar essa estrutura. Ao observarmos o verbo ‘causar’, essa relação torna-se ainda mais clara, pois em outros contextos o sujeito “A tempestade” é totalmente aceito pelo verbo:

8) A tempestade ‘causou’ vários danos às casas.

Quando com o sentido de “ser a causa de algo”, o papel temático do verbo muda, passando a atuar como Fonte, ou seja, entidade que está na origem da situação, porém sem a controlar.

É importante ressaltarmos os verbos ‘formar’, ‘bookar’ e ‘googlar’, estes além de apresentarem o papel temático de Agente, apresentam um segundo papel temático, Tema, isso só é possível por serem verbos binários, ou seja, possuem dois argumentos que exigem papéis temáticos diferentes.

Lyons (2003) disse que “As línguas variam quanto ao grau em que o significado pode ou deve ser veiculado em sentenças de diversos tipos.”, dizemos que os verbos alteram sua estrutura argumental da mesma forma, se tornando maleáveis aos novos sentidos e às sentenças nas quais estão sendo veiculadas.

Para concisão do trabalho apresentaremos um quadro resumitivo com todas as informações apresentadas acima (verbos analisados, base, sentidos e estrutura argumental):

Quadro 2 – Quadro resumitivo

Verbo	Base	Sentido	Novo Sentido	Tipos de Argumentos	Número de argumentos	Seleção Categorial	Papel Temático
Divar	Diva	Estar absolutamente linda, arrasando.	-	Verdadeiro	Unário	Sintagma Nominal	Agente
Jacar	Jaca	Extrapolar, “enfiar o pé na jaca”.	-	Verdadeiro	Unário	Sintagma Nominal	Agente
Causar	Causar	Fazer algo acontecer.	Chamar atenção, gerar uma polêmica.	Verdadeiro	Unário	Sintagma Nominal	Agente
Lacrar	Lacrar	Selar ou fechar algo.	Fazer algo muito bem feito, arrasar.	Verdadeiro	Unário	Sintagma Nominal	Agente
Deitar	Deitar	Ficar na posição horizontal.	Ser difícil, não dobra-se	Verdadeiro	Unário	Sintagma Nominal	Agente

			a outras opiniões.				
Passar	Passar	Desamassar algo; Percorrer um caminho.	Exagerar em algo; Está em choque.	Verdadeiro	Unário	Sintagma Nominal	Agente
Tombar	Tombar	Curvar; dobrar; inclinar.	Se jogar; arrasar.	Verdadeiro	Unário	Sintagma Nominal	Agente
Melhorar	Melhorar	Tornar algo melhor, aperfeiçoar.	Mudar para um estado ou situação melhor.	Verdadeiro	Unário	Sintagma Nominal	Agente
Atachar	Attach	Anexar um arquivo ao e-mail.	-	Verdadeiro	Unário	Sintagma Nominal	Agente
Dropar	Drop	Surgir, aparecer (Para os surfistas e skatistas, dropar tem o significado descer em uma onda ou uma rampa).	-	Verdadeiro	Unário	Sintagma Nominal	Agente
Kickar	Kick	Ser expulso do jogo.	-	Verdadeiro	Unário	Sintagma Nominal	Agente
Quitar	Quit	Sair do jogo.	-	Verdadeiro	Unário	Sintagma Nominal	Agente
Streamar	Stream	“Rodar” os aplicativos; carregamento de dados.	-	Verdadeiro	Unário	Sintagma Nominal	Agente
Bugar	Bug	Parar de funcionar.	-	Verdadeiro	Unário	Sintagma Nominal	Agente
Farmar	Farm	Destruir; arrasar em algo; subir de nível.	-	Verdadeiro	Unário	Sintagma Nominal	Agente
Sambar	Sambar	Dançar ao ritmo musical samba.	Acabar com os argumentos de alguém, desmoralizar.	Verdadeiro	Unário	Sintagma Nominal	Agente
Formar	Formar	Dar ou tomar forma; ser concebido.	Combinar algo.	Verdadeiro	Binário	Sintagma Nominal	Agente / Tema

Googlar	Google	Pesquisar no Google.	-	Verdadeiro / Por defeito/default	Binário	Sintagma Nominal	Agente / Tema
Bookar	Book(ing)	Fazer uma reserva em um hotel.	-	Verdadeiro / Por defeito/default	Binário	Sintagma Nominal e Preposicional	Agente / Tema
Fechar	Fechar	Interromper uma abertura	Chamar atenção, brilhar; Combinar algo com alguém.	Verdadeiro	Unário	Sintagma Nominal	Agente

Fonte: SILVA, 2019

CONCLUSÃO

Com base em tudo o que foi apresentado, podemos concluir algumas coisas com relação à estrutura argumental dos verbos e como esta pode torna-se maleável diante de algumas situações.

Retomo aqui, novamente, a fala de Lyons (2011, p. 106), com relação aos significados apresentados pelos verbos - “[...] o significado de alguns, senão de todos, dependerá do significado da sentença em que aparecem.”. Afirmção está reafirmada por Duarte e Brito (2003, p.181): “A comunicação e a interação verbais processam-se pela produção e pela compreensão de enunciados, ‘porções’ de discurso emitidas pelos sujeitos falantes em determinados contextos discursivos e situacionais”.

Tendo em mente essas falas, podemos começar a entender o processo que vem ocorrendo não apenas na formulação de novos verbos, mas na reformulação de alguns verbos já existentes. A língua muda mediante a necessidade da sociedade, e essa só muda por ser viva, por viver em cada um de seus falantes.

Por fazer parte dessa língua mutável, os verbos são capazes não apenas de adquirirem novos sentidos/significados, mas de alterarem a sua estrutura argumental para atender aos novos contextos em que estão sendo inseridos.

A respeito dessas alterações estruturais, podemos observar, através da análise realizada no corpo deste trabalho, a forma como ela ocorre, atingindo alguns pontos de forma mais específica que outros. Identificamos inicialmente o comportamento do quantitativo do número de argumentos, números estes que se alteram diante de novos sentidos.

Reafirmo aqui o que já mencionei anteriormente, o ponto principal para esta alteração não está no verbo ou em seu significado, encontra-se no contexto linguístico em que esse está inserido, visto que tal modificação ocorre de forma constante, em verbos diferentes, com sentidos originais diferentes, porém se colocados dentro do mesmo contexto, se comportam da mesma forma.

Da mesma forma acontece com os papéis temáticos, que diante de um novo contexto tendem a se alterar, atuando de acordo com a necessidade do verbo. No *corpus* escolhido podemos identificar uma pré-disposição à formação de verbos que têm como papel temático o Agente, e muito disso está relacionado ao contexto em que esses verbos vem surgindo e se modificando.

O ponto no qual não identificamos alterações está relacionado a seleção categorial do verbos, tendo como base a análise realizada. Não conseguimos formular nenhuma hipótese na qual tal ponto fosse alterado mediante um novo sentido ou contexto apresentado pelo verbo.

Com relação aos verbos considerados neste trabalho como novos, podemos identificar uma tendência à formação de verbos com características bem específicas. Em sua maioria trata-se verbos unários, com seleção categorial formada em sintagmas nominais, exigindo um papel temático de Agente.

Novamente gostaríamos de chamar a atenção para o *corpus* escolhido para este trabalho, *corpus* este que vem sendo formulado pela própria sociedade a alguns anos. Todas as conclusões extraídas das nossas análises estão relacionadas ao contexto social vivido no ano de 2019, cabe a trabalhos vindouros aplicar outras formas de análise.

Temos consciência que trabalhos como este abrem portas a análises vindouras, visto que daqui a alguns anos os verbos apresentados aqui não poderão ser considerados como novos, nem sabemos se estes ainda estarão sendo utilizados. Por isso deixamos a porta aberta, para que está análise seja expandida e modificada conforme as alterações sofridas pela língua.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO NETO, Magdiel M. A polissemia de acordo com a teoria do léxico gerativo. **Revista Riscos: A Revista do Centro de Ciências da Comunicação e Artes**. São Miguel do Oeste: Arcus, 2003. n. 6, p. 8–17.

ARAGÃO NETO, Magdiel M.; CAMBRUSSI, Morgana Fabiola . O Estabelecimento de Classes Verbais. In: ARAGÃO NETO, Magdiel M.; CAMBRUSSI, Morgana F.. (Org.). **Léxico e Gramática: Novos Estudos de Interface**. 1ed.Curitiba: CRV, 2014, v. 1, p. 43-68.

DUARTE, Inês; BRITO, Ana Maria. Predicação e classes de predicados verbais. In: MATHEUS, M. H. M. et al. **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Editorial Caminho, SA, 2003. p. 181-203.

LYONS, John. Semântica. In: LYONS, John. **Lingua(gem) e linguística: uma introdução**; [Tradução Marilda Winkler Averburg, Clarisse Sieckenius de Souza]. Rio de Janeiro: LTC, 2011. p.103-133.

PERINI, Márcio Alberto. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

Significado de significado. Dicionário online de Português, 2019. Disponível em : <<https://www.dicio.com.br/significado/>>. Acesso em 25 abr. 2019.